

SILVA, Cidinha da. *Oh, margem! Reinventa os rios!*. São Paulo: Selo Povo, 2011.

Cidinha da Silva- identidade racial e periférica

Ligia Gomes do Valle¹

Com escritas que envolvem a questão racial e social, a mineira que viveu metade de sua vida nas periferias de São Paulo é indicada pelo MEC para os estudos referentes à identidade e história Afro-Brasileira. Silva começou a publicar literatura em 2006 com *Cada trindade em seu lugar*, a seguir, publicou em 2008, *Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor!*, ambos de crônicas. Em 2009 lançou a novela *Os nove pentes da África* e em 2011, o romance infantil: *Kuami*.

Publicado pelo *Selo Povo* o livro de crônicas: *Oh, margem! Reinventa os rios!* introduz a escrita da autora na *Literatura Marginal*. Ferréz, escritor que idealizou o selo e que fundou a movimentação literária em torno da marca do local de enunciação, revela na contra capa do livro que “o selo foi feito para livros de bolso, livros esses escritos por e para mãos operárias, rebeldes, marginais, periféricas” (FERRÉZ, In SILVA, 2011, s/p.), descreve ainda que a coleção publica livros a preço de uma cerveja e meia: 5 reais para o público final e 4 reais para quem se interessar pelo trabalho de distribuição.

Constituído por 31 crônicas, o livro *Oh, margem! Reinventa os rios!* caracteriza-se por conter escritas que envolvem as memórias de família e de vida da autora e a tentativa de compor a história coletiva de um povo oprimido pela pobreza ou pelo racismo na cultura brasileira.

Do particular, afirmando o traço intransferivelmente pessoal do indivíduo e com escritas a partir de suas vivências, ao coletivo com marcas de solidariedade e identidade com histórias de moradores de periferias e personagens que sofrem de algum modo um incômodo vivido por quem é negro e pobre em nossa sociedade. Cidinha da Silva configura-se por ser uma escritora atenta para questões de identidade racial e periférica.

¹ Mestranda do Programa de Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A memória familiar é constantemente resgatada e a crítica cultural embasa toda a narrativa da autora que se revela permeada por três aspectos:

O primeiro a se observar é a presença da primeira pessoa:

Minha avó era chamada de doutora pelos vizinhos. Doutora Mundinha para cima, Doutora Mundinha para baixo. Era solicitação que não acabava mais. [...] minha avó era requisitada para escrever as listas e atendia com gosto: quatro latas de oliu e seis pacotes de banha de porco, para misturar e render o mês todo. três pacotes de cinco quilos de arrois, dez quilos de feijão. Macarrão, assuca, café, farinha de trigo, de tapioca, farinha de povilo, farinha de mio (...) (SILVA, 2011, p.71)

A primeira pessoa no trecho supracitado resgata a memória familiar o aspecto do feminino e do negro na sociedade de uma determinada época. O uso das palavras “oliu”, “feijão” e “povilo”, por exemplo, são elementos de crítica cultural ao mesmo tempo em que torna a narrativa humorística e irônica, na medida em que tenciona dois parâmetros sociais econômicos distintos. Esse modo de narrar dialoga com a tradição quando relacionado ao poema “Vício na fala” de Oswald de Andrade como exemplo podemos destacar os dois últimos versos: “Para telhado dizem teiado/ E vão fazendo telhados”. (ANDRADE, 1991, p.22) O último verso revela uma segregação, distinção, pertencimento ou identidade social que se estabelece até mesmo na e pela língua, essa demarcação histórica e identitária também está presente nas escolhas narrativas da autora em questão.

A primeira pessoa se apresenta como elemento constituinte desse resgate em várias crônicas como: “O poeta dos Gramados”, “As latinhas”, “Evaldo Braga: um brasileiro”, “Honoris causa”, “Cenas da colônia africana em Porto Alegre- A benzedeira”, “Cenas da Colônia Africana em Porto Alegre o povo de Santo”, “Cenas da colônia africana em porto alegre o carnaval”, “Cenas da colônia africana em Porto Alegre- Os bailes” e “Cenas da colônia africana em porto alegre- As lavadeiras”. A subjetividade e a vida da autora parece permearem também os demais textos que se assemelham a minicontos e mesmo que a primeira pessoa não apareça explicitamente é a partir dos personagens que se pode perceber a questão da memória e da identidade racial e periférica, já que essa temática se configura como elemento de inquietação e militância.

O segundo aspecto é pela consciência de escritora:

Minha editora pauta uma crônica-síntese sobre o Natal o Ano Novo e o Carnaval, mas só as latinhas povoam minha cabeça sem ideias. Gente procurando latinhas em todos os cantos e praças, cestos de lixo, caçambas e bares, de tocaia nas mãos de quem bebe refrigerante e cerveja. Latinhas por todos os poros ,samba triste no meu cocuruto. (SILVA, 2011, p.58)

Ao optar pela temática que a incomoda que a identifica a autora deixa de produzir o que se exige, diferentemente dos jornalistas que publicam diariamente crônicas em jornais ela pode transportar a crônica para o campo que é somente literário e subverter as exigências temáticas para as suas inquietações.

E o terceiro, pela consciência do feminino dentro da margem: “Eu não ia ao campo de futebol porque não era coisa de menina e sequer meu pai o frequentava nessa época. Vivíamos a poesia de Reinaldo do sofá de casa.” (SILVA, 2011, p.32) Ou seja, além de não ter dinheiro para ir ao campo de futebol para ver o ídolo não poderia ir porque campo de futebol não era local para meninas. A diferença e opressão cultural do gênero são marcadas nas questões das oportunidades, nas profissões, no letramento, entre outros, de maneira ligeira, mas profunda na narrativa.

Esses três aspectos constroem o gênero crônica na obra como um gênero crítico e ao mesmo tempo humorístico, lírico e irônico, na medida em que, a escrita que abarca as subjetividades do autor e a forma literária das metáforas e da conotação através de um caráter descontraído não elimina o comprometimento do autor com os temas sociais emergentes.

A leitura da obra *Oh, margem! Reinventa os rios!* é indicada para todos, a fim de que proporcione uma leitura que suscite uma reflexão cultural tanto a partir dos temas das crônicas como da maneira pela qual a autora prioriza algumas estratégias narrativas como a postura de militância em prol dos oprimidos pela história.

ANDRADE, Oswald. Pau-Brasil. 5a ed. São Paulo: Globo, 1991.